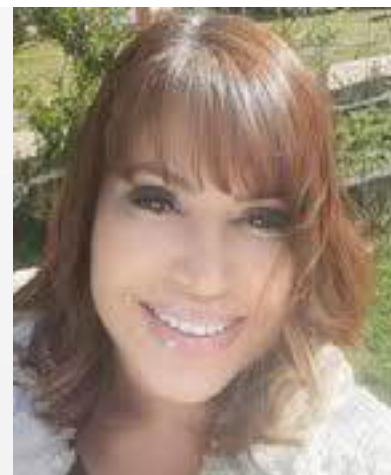


A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR – EMPATIA E RESPEITO

MARTA APARECIDA DOS SANTOS

Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1994); Especialista em Educação Inclusiva – Múltiplas Deficiências pela Faculdade de Administração, Humanas e Exatas – Mundo Novo – Mato Grosso do Sul, Neuro aprendizagem e Práticas Pedagógicas pela Faculdade Universidade Anhanguera Uniderp (2020); Professora de Ensino Fundamental II - Língua Inglesa - EMEF Nilce Cruz Figueiredo.



RESUMO

Sabemos que nosso país é rico em cultura e diversidade. Durante muito tempo, adquiriu-se conhecimentos que se acumularam e nos enriqueceram, pois somos um povo miscigenado por diversas raças. Porém ainda lutamos contra a desigualdade e o preconceito, não somente racial, mas também social. É fundamental que todos os cidadãos lutem por um mundo que dá a importância necessária as manifestações culturais e as pessoas que convivem ao nosso lado. A formação de cidadãos críticos e bem estruturados em sua forma de pensar e agir dentro de uma sociedade multicultural, pode desenvolver em nosso país uma transformação social e cultural cada vez mais positiva. A educação tem que incluir em seu currículo formas de combater o preconceito e de valorizar a nossa cultura. Formando pessoas que se orgulham de pertencer a um país tão diversificado.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Diversidade; Preconceito; Valorizar.

INTRODUÇÃO

É notório que a diversidade cultural, social, econômica no Brasil é grande, devido principalmente a misturas de raças durante sua colonização. Brancos, negros, índios trouxeram sua cultura, que ao entrar em contato com outras, misturaram-se, incorporando elementos que se caracterizaram em novos costumes e hábitos.

A incompreensão e a ânsia de mostrar-se superior e inferiorizar os outros no campo religioso, racial, econômico transformou essa diversidade na desigualdade que temos até hoje, motivando casos de “bullying”.

Em nossas escolas, estudantes negros são com frequência, agredidos físicos e psicologicamente por alunos que não toleram a diversidade. A pronúncia de palavras, o sotaque, as roupas,

a condição econômica, a alimentação e até os lugares que frequenta ou deixa de frequentar são outras razões de agressões com o objetivo de inferiorizar o outro.

No território escolar percebe-se estudantes apáticos, com baixo rendimento, outros com timbre agressivo ao falar ou se expressar, ansiosos em suas atitudes. Essas características nos arremetem a investigar de forma respeitosa, a fim de que haja um acolhimento para entendermos os reais motivos e fazer a intervenção. Nota-se em suas falas o sentimento de terem sido discriminados por algum motivo.

Portanto, a nossa prioridade é repensar a diferença entre desigualdade, intolerância ou discriminação. Deve-se construir num projeto educativo, político e social, o respeito e a consciência de que cada ser é ímpar e tem sua importância quanto qualquer outro. Precisamos obter o reconhecimento de nossa formação miscigenada, de valores distintos para cada grupo, e acima disso somos “iguais” é o passo para acabar com a desigualdade.

Porém além da diversidade cultural e étnico-racial já mencionada, o nosso país também vivencia desigualdades e preconceitos no que se refere, às questões de gênero e orientação sexual, sendo que esses assuntos se tornam cada vez mais polêmicos, à medida que são discutidos pela sociedade e as classes por sua vez lutam por reconhecimento e respeito às diferenças.

Entretanto é necessário políticas socioeducacionais e práticas pedagógicas inclusivas, norteadas a garantir a permanência, a formação de qualidade, oportunidades e o reconhecimento das diversas orientações sexuais e identidades de gênero e étnico-raciais, que contribuam para a melhoria do contexto educacional e apresentem um potencial transformador que ultrapasse os limites da escola, em favor da consolidação da democracia.

Portanto a escola como uma microssociedade, não pode ficar indiferente, já que é nela que se concentra uma grande diversidade humana, e que tem a responsabilidade de formar cidadãos críticos, conscientes e atuantes, não pode ficar indiferente. Precisa compreender a diversidade da sua população. De acordo com Soares (2003, p.161) “a escola precisa estimular as diferenças e dar significados para oportunizar e produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagens.”

Nesse sentido, sinaliza-se que urge considerar e valorizar os diferentes saberes e culturas das populações em geral, e dos alunos em particular, visando à integração, inclusão e acolhimento de todos, independentemente dos seus percursos geográficos, históricos, culturais, linguísticos e psicológicos. As diferenças podem ser vistas, como uma outra forma de ser e de estar, conduzindo à compreensão, respeito e inserção delas na sala de aula.

No processo de ensino aprendizagem é fundamental a necessária compreensão para que se possa ver a qualidade de cada um, bem como as suas complexidades, para podermos reconhecer quem somos como coletividade, e quem somos como indivíduo.

Contudo, abordaremos de forma breve as temáticas aqui apresentadas de maneira que estas possam contribuir para a transformação de atitudes e melhor reflexão sobre as práticas de respeito e valorização ao ser humano no que se refere às questões sobre diversidade cultural, relações étnico-raciais de gênero, sexualidade e orientação sexual, especialmente no ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

Percebe-se que durante todo o século XX e início do século XXI, tem sido constante as lutas pela igualdade de gênero, étnico-racial e também pelo respeito à diversidade. Entretanto, o predomínio de atitudes e convenções discriminatórias, em todas as sociedades, ainda é uma realidade tão persistente quanto neutralizada.

Há importantes resultados conquistados no Brasil, na ampliação do acesso e no exercício dos direitos, por parte de seus cidadãos. No entanto, há ainda imensos desafios a vencer, quer do ponto de vista objetivo, como a ampliação do acesso à educação básica e de nível médio, assim como do ponto de vista subjetivo, como o respeito e a valorização da diversidade. As discriminações de gênero, étnico-racial e por orientação sexual, como também a violência homofóbica, são produzidas e reproduzidas em todos os espaços da vida social brasileira. A escola, infelizmente, é um deles.

Não bastarão leis, se não houver a transformação de mentalidades e práticas, daí o papel estruturante que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas, motivem a reflexão individual e coletiva e contribuam para a superação e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso. O saber lidar com isso é indubitavelmente um dos principais passos a seguir, e isso se dá realmente através de formação, projetos, escuta e acolhimento.

A INVESTIGAÇÃO SOBRE A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

As sociedades contemporâneas são heterogêneas, compostas por diferentes grupos humanos, interesses contrapostos, classes e identidades culturais em conflito. Vivemos em sociedades nas quais os diferentes estão quase que permanentemente em contato e são obrigados ao encontro e à convivência.

As mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas que marcam o contexto contemporâneo incumbe à escola a necessidade de estar constantemente refletindo sobre seu trabalho, suas finalidades, sua função social, seu compromisso junto à comunidade e às famílias.

As políticas educacionais objetiva acolher todos os grupos que no decorrer da história, sofreram exclusão física ou simbólica, assentir seus direitos sociais, como é o caso dos moradores de campo, das populações indígenas, dos jovens e adultos que não tiveram acesso à escolarização em idade própria, dos grupos afrodescendentes, às crianças e jovens que, por inúmeros motivos, se evadem do território escolar.

“É a preocupação da escola, com o atendimento à diversidade social, econômica e cultural existente, que lhe garante, ser reconhecida como instituição voltada indistintamente, para a inclusão de todos os indivíduos (...) o grande desafio dos educadores, é estabelecer uma proposta de ensino que reconheça e valorize práticas culturais de tais sujeitos, sem perder de vista o conhecimento historicamente produzido, que constitui patrimônio de todos.” (PARANÁ, 2005).

A escola deve entender o respeito à diversidade como o direito de todos os alunos realizarem

as atividades fundamentais para o seu desenvolvimento e socialização. Sua concretização em sala de aula procura levar em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno e suas características pessoais.

“A escola como uma instituição social, veicula e reproduz, como não poderia deixar de ser, os valores culturais e os ideais da sociedade na qual se insere. No entanto, é preciso destacar o papel fundamental da escola na produção de conhecimentos, na transformação da realidade na qual se encontra e na elaboração de mecanismos eficazes no combate as distintas formas de expressões do racismo, da discriminação, da intolerância e do preconceito.” (PARANÁ, 2010).

É importante realizar trabalhos diversificados com uso de diferentes exercícios, atividades, tarefas por grupos de alunos ou pequenos projetos, que vão permitindo a inserção de todos no trabalho escolar, independentemente dos diferentes níveis de conhecimento e experiência presentes entre os alunos de uma mesma classe. O princípio que orienta essa opção é o de que todos os alunos são capazes de aprender, cada um no seu ritmo próprio e a partir de pontos diferentes, desde que lhe sejam dadas às condições para que isso ocorra.

Ainda, o maior desafio é que a pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais ou culturais seja pensada como matéria-prima da aprendizagem, e não como conteúdo de dias especiais, datas comemorativas ou momentos determinados em sala de aula.

Nas instituições, sejam elas da Rede Pública ou Rede Particular, percebe-se algum tipo de preconceito e discriminação durante sua vida escolar. Os estudantes sofrem muito, no entanto os profissionais salientam que para lidar com a situação de discriminação ou intolerância, é necessário abordar esses temas, pois o discurso da diversidade vem crescendo nas escolas e o sofrimento muitas vezes camuflados, ou atitudes agressivas, geram a falta de desenvolvimento do aprendizado bem como a falta de socialização.

Sabe-se que lidar com esse assunto é muito mais complexo, tanto que muitas vezes, mesmo não intencionalmente, muitas vezes nega-se a existência de tais situações ou ameniza-se erroneamente simplesmente para se fugir de uma situação que supostamente é trabalhosa e delicada.

O trabalho do educador remete às situações diversas vivenciadas no contexto escolar, onde na maioria das vezes nos coloca frente a discriminações e preconceitos com os quais não sabemos como direcionar.

Entendendo que as ações pedagógicas não se dão apenas para o desenvolvimento do aprendizado, mas também de formação e transformação sociocultural permitindo que ele saiba como atuar diante da diversidade vivida dentro e fora da escola. Cabe lembrar que neste contexto escolar há alunos oriundos do campo, indígenas, quilombolas e todos com as mais diversas crenças, as quais devem ser valorizadas e divulgadas aos demais, para que entendam e respeitem, sabendo que todos tem direito à educação e ao respeito.

Esse assunto deve ser tratado com comprometimento para desenvolvimento de atividades ou projetos que faça sentido e tenha resultados satisfatórios não somente no âmbito escolar, mas também fora dele.

Logo, destacam serem também responsáveis diante deste grande desafio: Não mascarar essas “diferenças”, mas sim utilizá-las para enriquecer o aprendizado e a convivência coletiva.

A escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem ideias, sentimentos. Potencialmente, permite a aprendizagem de viver em grupo, lidar com a diferença, com o conflito. De uma forma mais restrita ou mais ampla, permite o acesso aos diversos códigos culturais necessários. (PEREIRA, 2007, p. 107).

Deste modo, entender a diversidade é dialogar com os outros, nos diversos espaços em que nos humanizamos: a família, a sociedade, a escola etc. Portanto refletir sobre a escola e a diversidade significa reconhecer, aceitar, respeitar e atender a diversidade dos alunos, e evitar que as diferenças se convertam em desigualdades.

A escola não pode, por isso, silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio. Não vale a pena pretender unificá-la de maneira abstrata e informal, quando ela se realiza num mundo profundamente diverso. (SOUSA, 2002, p.4).

Assim, podemos constatar que, a escola tem um papel importante na formação dos seus educandos, e, sobretudo atender a heterogeneidade dos alunos com os quais depara. Uma escola aberta à diversidade deve dar respostas concretas a todos os alunos que a compõem, rompendo com modelos rígidos e fechados dirigidos somente a alguns, ainda deve, sobretudo adaptar-se à criança, visto que, a escola deve ter uma atitude aberta às mudanças, e tem que inovar face às mudanças ocorridas, baseada numa reflexão crítica, como forma de descobrir novos caminhos que melhorem a qualidade do ensino, buscando soluções mais adequadas a situações recentes.

PLANO DE AÇÃO - A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE NA ESCOLA

JUSTIFICATIVA

Ao refletir sobre a realidade escolar, é notório que a maior parte dos estudantes e também dos educadores, que de forma ingênua ou não, permitem perpassar pela sala de aula, assuntos e práticas racistas, ressaltando ser apenas uma brincadeira na concepção do educando.

Esta constatação leva a perceber que as práticas educativas e o olhar mais sensibilizado para certas atitudes na escola precisam ser organizadas, tendo como parâmetro o aluno.

Deve-se incluir na proposta pedagógica os estudos de valores culturais e históricos pautados nos valores culturais e históricos dos afrodescendentes, alunos do campo, quilombolas e indígenas e em conformidade com a Lei. Como então torná-la uma forma sistematizada e permanente de discussão, a fim de que determinadas falas ou racismo estrutural e a intolerância sejam minimizados?

Como romper com as concepções já cristalizadas e estereotipadas na escola e na sociedade, a respeito dessas diversidades. De que forma os professores, enquanto mediadores de processos de transformação na escola e por conseguinte, na sociedade, podem atuar contra o preconceito

e pela promoção da igualdade?

É preciso assegurar que as diversas culturas, que sempre estiveram em segundo plano, sejam resgatadas e valorizadas. Isto significa referências de visibilidade e valorização de suas origens, suas culturas, suas religiosidades e sua autoestima.

Como nos adverte Gomes (2005), a discussão sobre identidade é permeada de complexidade e usos diversos quando somamos a ela adjetivos como sociais, afrodescendente, juvenil, profissional, entre outros.

A mesma autora nos esclarece que:

“A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indicam traços sociais que se expressam através de práticas linguísticas, festas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005).

Cabe ainda destacar a importância de projetos, que propõe mais do que apresentações referentes a diversidade, mas também que inclui atividades de pesquisa e debate na sala de aula, norteadas pelas diversas tecnologias disponíveis na escola, visando criar uma consciência crítica sobre os temas trabalhados para, por fim, alcançar objetivos esperados.

OBJETIVOS

- Desenvolver a consciência crítica dos alunos quanto aos temas sobre a cultura e a condição social dos quilombolas e indígenas e promover a interação da escola com a comunidade;
- Compreender, a partir do trabalho pedagógico desenvolvido no Ensino Fundamental e Médio, como a escola se encontra no itinerário de construir uma educação que valorize as diferenças.
- Fazer acreditar que os objetivos são pertinentes no sentido de estarem relacionadas aos processos educacionais concretizados nas práticas pedagógicas que contribuem ou não para a exclusão social.
- Propiciar a integração e a aproximação de todos envolvidos nas ações dentro do território escolar.
- Polarizar atitudes positivas dentro e fora do ambiente escolar.

AVALIAÇÃO

O aluno constrói seu conhecimento, para tanto o docente deve refletir e ter atitude mediadora entre o objeto do conhecimento e o aluno, motivando-o a agir ativamente e analiticamente, participando ativamente de todas as propostas de trabalho. Com isso, o professor deve ter em vista a criação de situações que desperte o interesse do aluno para a ação, tendo a disposição ele-

mentos para que possam ser fornecidos subsídios ao estudante, para que esse possa adquirir seu conhecimento e o objeto a ser conhecido. O professor pode utilizar estratégias coerentes com a metodologia, como seminários, debates, pesquisas, jogos educativos, dramatizações e trabalhos em grupo - este deve voltar para o processo e não para o jogo de opiniões. Estas atividades delegadas ao aluno devem propor reflexões, análises e não mera cópia e mecanicidade. O resultado final das ações realizadas pode ser através apresentação e exposição de trabalhos para visitação de alunos e a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, diante de tudo o que foi explanado, compreendemos que a diversidade é muito mais do que o conjunto das diferenças. Ao entrarmos nesse campo, estamos lidando com a construção histórica, social e cultural das diferenças a qual está ligada às relações de poder, aos processos de colonização e dominação, sendo assim um trabalho árduo e competitivo com questões políticas e normas que entra em conflito com a democracia, pois mesmo ao se fazer a intervenção e o acolhimento, o meio social em que se vive dificulta o acreditar.

Ao falarmos sobre a diversidade (biológica e cultural) não podemos desconsiderar a construção das identidades, o contexto das desigualdades e das lutas sociais. A diversidade indaga o currículo, a escola, as suas lógicas, a sua organização espacial e temporal. No entanto, é importante destacar que as indagações aqui apresentadas e discutidas não são produtos de uma discussão interna à escola. São frutos da inter-relação entre escola, sociedade e cultura e, mais precisamente, da relação entre escola e movimentos sociais. Assumir a diversidade é posicionar-se contra as diversas formas de dominação, exclusão e discriminação. É entender a educação como um direito social e o respeito à diversidade no interior de um campo político.

Portanto cabe a escola assumir a responsabilidade de formar cidadãos e cidadãs, oferecendo mecanismos que levem ao conhecimento e respeito das culturas, das leis e normas. Deve investir na comunicação dessas normas a todos aqueles envolvidos com a educação. Deve, como “aposta pedagógica”, ter um plano de ação para formar cidadãos para a valorização da diversidade, favorecendo o encontro, o contato com a diversidade. A convivência com a diversidade implica o respeito, o reconhecimento e a valorização do outro, e não ter medo daquilo que se apresenta inicialmente como diferente, intervir seriamente naquilo que acarreta a fala de “brincadeira entre ele”, motivando a compreender que é necessário ser empático e cuidadoso.

Com isso é necessário que a escola assuma todas as culturas, reconhecendo-as, valorizando-as e, sobretudo vendo a diversidade cultural como um trunfo para a construção de uma sociedade mais justa, mais livre e com oportunidades para todos.

“Precisamos, portanto, ir além da promoção de uma atitude apenas tolerante para com a diferença, o que em si já é uma grande tarefa, sem dúvida. Afinal, as sociedades fazem parte do fluxo mais geral da vida e a vida só persevera, só se renova, só resiste às forças que podem destruí-la através da produção contínua e incansável de diferenças, de infinitas variações. As sociedades

também estão em fluxo contínuo, produzindo a cada geração novas ideias, novos estilos, novas identidades, novos valores e novas práticas sociais. Se o projeto Gênero e Diversidade na Escola contribuir, um pouco que seja, para a formação de uma geração que entenda o caráter vital da diferença (pelo menos de algumas delas), já terá cumprido em grande medida seu objetivo.” (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA - formação de professoras/es gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais)

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública (UNESCO, 2001, Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, artigo II).

É evidente que vivemos numa sociedade complexa, plural, diversa e desigual. Vivemos numa época em que a consciência de que o mundo passa por transformações profundas é cada dia mais forte. Diante de tudo isso, podemos afirmar que estamos perante uma sociedade heterogênea, que é caracterizada essencialmente por uma diversidade cultural cada vez mais evidente.

Perante esta nova realidade, a educação escolar deve preparar alunos (as) para o reconhecimento da pluralidade e diversidade de sujeitos e de culturas, com base no respeito e tolerância recíproca, concebendo as diferenças culturais não como sinônimo de inferioridade ou desigualdade, mas sim aceitar as diferenças e enriquecer-se com elas.

Neste sentido é necessário termos a consciência de que a sociedade atual é uma sociedade de diversidade cultural. Portanto é preciso que todos os cidadãos tenham uma visão multicultural, e também a necessidade de acolher e conviver com identidades culturais plurais, sem representar ameaças ou quaisquer formas de preconceito e desrespeito aos outros, independente de sexo, cor, gênero, credo, etnia, nacionalidade etc.

Devemos estar conscientes de que a existência da diversidade, não é isenta de conflitos, tensões e resistências. Para Moreira e Candau (2005, p.78), “as instituições de ensino sempre tiveram dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença, tendendo para a homogeneização e padronização.”

Aliás, a diversidade no contexto social não constitui um fenômeno novo, e como sabemos as diferenças são inerentes ao ser humano, todos nós somos diferentes e, portanto, falar de diversidade é falar do coletivo, e no meio desse coletivo encontramos muitas diferenças individuais, inclusive é bom ressaltar essa riqueza da diversidade para que haja orgulho de fazer parte do “ser diferente”, do “ser único” e permitir-se ser”.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. **Didática e perspectiva multi/intercultural: dialogando com protagonistas do campo**. Campinas: editora Vozes, v. 27, 2006.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA. **Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**, 2005.

PEREIRA, J. H. **Escolas de fronteira: espaços de trocas, diálogos e aproximações**. v. II. Campo Grande: UFMS, textos escolhidos, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação da Educação Escolar Indígena. Educação Escolar Indígena / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação da Educação Escolar Indígena**. – Curitiba : SEED – Pr., 2006. - 88 p. - (Cadernos Temáticos).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Educação escolar quilombola: pilões, peneiras e conhecimento escolar / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação**. – Curitiba : SEED – 2010. – 101 p. – (Cadernos temáticos da diversidade).

SOUZA, R. M. **Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro: educação e sociedade**. São Paulo: editora Ponto de Vista, 2002.

SOARES, M. B. **Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 2003.

UNESCO, 2001, **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.**